



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

LENDAS DAS MOURAS ENCANTADAS: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS
TRADICIONAL E POPULAR ACERCA DA INFLUÊNCIA MOURA E A COEXISTÊNCIA
ENTRE POVOS DISTINTOS.

Suzana Evaristo Corrêa Salomão

Rio de Janeiro
2023

SUZANA EVARISTO CORRÊA SALOMÃO

LENDAS DAS MOURAS ENCANTADAS: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS
TRADICIONAL E POPULAR ACERCA DA INFLUÊNCIA MOURA E A COEXISTÊNCIA
ENTRE POVOS DISTINTOS.

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/ Árabe.

Orientador: Prof. Dr. João Baptista de Medeiros Vargens

RIO DE JANEIRO
2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

SUZANA EVARISTO CORRÊA SALOMÃO
DRE:115043501

LENDAS DAS MOURAS ENCANTADAS: UMA ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS
TRADICIONAL E POPULAR ACERCA DA INFLUÊNCIA MOURA E A COEXISTÊNCIA
ENTRE POVOS DISTINTOS.

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Letras na habilitação
Português/Árabe.

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Nome completo do Orientador – Presidente da Banca Examinadora
Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: _____

Nome completo do Leitor Crítico
Prof. + titulação + instituição a que pertence

NOTA: _____

MÉDIA: _____

Assinatura dos avaliadores: _____

Ficha catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

S173I Salomão, Suzana Evaristo Corrêa
Lendas das Mouras Encantadas: uma análise das
perspectivas tradicional e popular acerca da
influência moura e da coexistência entre povos
distintos no Algarve / Suzana Evaristo Corrêa
Salomão. -- Rio de Janeiro, 2023.
42 f.

Orientador: João Baptista de Medeiros Vargens.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Árabe,
2023.

1. Moura. 2. Moura Encantada. 3. Península
Ibérica. 4. Historiografia. 5. Lenda. I. Vargens,
João Baptista de Medeiros, orient. II. Título.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Jesus pela sua misericórdia e bondade sobre mim. Ele esteve ao meu lado durante todo este desafio. Que grande amigo encontro em Ti.

Sou e serei eternamente grata a Silvia e ao Ronaldo, meus amorosos pais, que deram seus suores, lágrimas e extremo empenho por nossa família. Se hoje tenho a oportunidade de cumprir e terminar esse desafio, foi devido à minha sólida e afável base. Obrigada, Helena, minha amada irmã, por trazer alegria a minha vida e não se importar com os meus barulhos madrugada afora para terminar este trabalho.

A alguns professores desta graduação guardo enorme carinho e gratidão. Suas aulas expandiram o meu conhecimento e me tornaram mais empática. Em especial ao professor João, que me apresentou este tema - que apesar das minhas dificuldades, trouxe-me muito contentamento. Obrigada, professor, por sua gentileza e paciência de anos. Nunca esquecerei.

A minhas queridas amigas, que me proporcionaram momentos de alívio em meio ao caos. Que trouxeram sorrisos ao meu rosto com suas palavras de incentivo e grande carinho. A vocês todo o meu coração.

Ao, Christian, que com seu amor e grande cuidado, me incentivou neste processo. Seu ombro e afago trouxeram-me a conclusão deste estudo.

Resumo

Esta monografia propõe uma análise entre as perspectivas tradicionais e populares a respeito da vivência e influência dos mouros na Península Ibérica através das lendas das mouras encantadas. A perspectiva tradicional, presente na história escrita, possui a inclinação de retratar os mouros como vilões, enquanto a perspectiva predominante nos contos populares enaltece as mouras como heroínas. Essa análise é justificada pela influência do viés tendencioso na narrativa histórica e pela importância de explorar as histórias populares, criadas pela própria comunidade, que leva-nos à convivência íntima entre cristãos e muçulmanos durante a presença moura na região.

Utilizando relatos capturados e registrados por Oliveira (1898) em seu livro "Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve", são examinadas diversas lendas originárias de diferentes partes do Algarve. Essas lendas são consideradas expressões espontâneas dos moradores locais, revelando sua proximidade com as tradições populares.

Esta pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla das representações culturais dos mouros e das mouras, permitindo uma análise mais contextualizada da história e das relações entre diferentes grupos étnicos e religiosos na Península Ibérica, mais precisamente, Portugal. Através do estudo das lendas de mouras encantadas, é possível notar as nuances e as complexidades das interações entre cristãos e muçulmanos durante estes quase oito séculos, ressaltando a importância da cultura popular como uma fonte valiosa para a compreensão da história e da identidade regional.

Palavra-chave: Mouro; Moura Encantada; Península Ibérica; Historiografia; Lenda.

Abstract

This monograph proposes an analysis between the traditional and popular perspectives regarding the experience and influence of the Moors in the Iberian Península through the legends of the enchanted Moors. The traditional perspective, present in written history, has the inclination to portray the Moors as villains, while the predominant perspective in folk tales praises the Moors as heroines. This analysis is justified by the influence of the biased bias in the historical narrative and the importance of exploring the popular stories, created by the community itself, which leads us to the intimate coexistence between Christians and Muslims during the Moorish presence in the region.

Using reports captured and recorded by Oliveira (1898) in his book "Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve", several legends originating from different parts of the Algarve are examined. These legends are considered spontaneous expressions of the locals, revealing their proximity to popular traditions. This research contributes to a broader understanding of the cultural representations of Moors and Moorish women, allowing a more contextualized analysis of the history and relations between different ethnic and religious groups in the Iberian Península, more precisely, Portugal. Through the study of the legends of enchanted Moors, it is possible to note the nuances and complexities of the interactions between Christians and Muslims during these almost eight centuries, highlighting the importance of popular culture as a valuable source for understanding history and regional identity.

Keyword: Moor; Enchanted Moor; Iberian Península; Historiography; Legend.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	8
2	A presença árabe muçulmana em Portugal	11
	- 2.1 De Maomé as conquistas	11
	- 2.2 Califas e a expansão	12
	- 2.3 Muçulmanos na Península Ibérica	13
	- 2.4 As Marcas Deixadas	15
3	O sectarismo da historiografia	17
4	A criação dos mitos e lendas	21
5	As mouras encantadas	24
	5.1 - As Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve.	24
	5.2 - O termo moura	25
	5.3 - Mouras encantadas	26
6	Análise de contos	30
7	Considerações finais	40
	Referências	42

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, e infelizmente ainda nos dias contemporâneos, as civilizações ocidentalizadas têm sido expostas a uma visão deturpada e estereotipada a respeito do Oriente, mais especificamente do Oriente Médio e do Magreb - região noroeste da África. Mesmo os países europeus que sofreram a influência dos povos islâmicos em sua história, mantiveram por muito tempo o relato de que o contato com esses povos não tiveram uma relevância cultural tão marcante ao ponto de perdurar ao longo do tempo.

Nosso entendimento acerca da atuação do povo muçulmano na cultura ocidental foi significativamente moldado pela exposição à mídia ocidental. As representações midiáticas construíram uma imagem caricata, repleta de excentricidades e projetaram sobre o povo islâmico a idealização negatival. A obscurecida visão midiática pode reduzir a influência islâmica a somente um conjunto de palavras emprestadas ao seu vocabulário, mas sua contribuição deixou uma marca profunda no âmbito intelectual e científico ao longo da história.

Neste trabalho, iremos debruçar-nos a respeito dessa influência e seu real impacto na sociedade da Península Ibérica, atualmente: Portugal, Espanha e Galiza; durante os aproximados VIII séculos de convívio. Fazendo um paralelo entre o que a historiografia diz - escrita, geralmente, por autores cristãos - e as histórias orais populares que ecoaram e permaneceram até hoje denominadas “mouras encantadas”. Destacando a troca cultural entre cristãos e muçulmanos durante a presença islâmica na região.

Utilizaremos como base e referência o livro: *“Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve”* de Francisco Xavier d’Athaide Oliveira, o qual percorreu toda a região do Algarve atrás de relatos e memórias do povo sobre as lendas das mouras encantadas, para refletirmos a respeito da relação histórica entre esses povos e a influência muçulmana na cultura local.

Athaide Oliveira irá buscar essa memória espontânea que foi compartilhada durante anos para vivificar e registrar o impacto da civilização muçulmana na região Peninsular. Com isso, faremos um paralelo entre as visões negativas e, um tanto tendenciosas, criadas para favorecer uma só narrativa, que se diverge da produção oral involuntária que irá trazer para o centro essa “moura”, suas características e lendas de convívio com um grande toque de encanto¹.

A principal motivação deste trabalho é analisar o conteúdo de alguns desses contos populares, que apresentam as mouras como as heroínas da história, destacando os elementos e temas recorrentes dessas lendas. Buscando comparar as narrativas das perspectivas históricas cristãs com as perspectivas populares - que procederam, também, de cristãos - através das lendas das mouras encantadas. Investigando, assim, o contexto social, cultural e histórico do povo e, conseqüentemente, também das lendas. Procurando compreender como elas refletem a proximidade e intimidade entre cristãos e muçulmanos na região, durante a presença muçulmana,

Neste estudo foi utilizado o método de pesquisa básica dedutiva com a estratégia de propor uma reflexão sobre o papel e a importância dos contos populares na representação e interpretação do contato entre cristãos e muçulmanos ao longo da história de convivência entre os distintos povos. Com objetivos descritivos, com abordagem de análise qualitativa e aplicada com mecanismos de pesquisa bibliográfica através da utilização de artigos, teses e dissertações retiradas de sites de universidades, do Google Acadêmico e artigos apresentados na bibliografia acadêmica do curso de árabe; livros de autores como Hourani (2016); Pirenne (2010); Eliade (2000); e entre outros autores pertinentes ao objeto de estudo.

O primeiro capítulo apresentará uma pequena exposição sobre o período de formação da religião muçulmana até a formação político-religiosa da comunidade islâmica, seguindo para a formação do império até sua chegada na Península Ibérica. E, por fim, dissertaremos sobre essa influência oriental nos mais diversos âmbitos daquela sociedade e como muitas dessas marcas ainda estão presentes no

¹ Este conceito é abordado no capítulo 4.

cotidiano do povo Peninsular. Utilizando como base: Hourani (2016), Pirenne (2010) e outros.

No segundo capítulo iremos expor a respeito do que é a historiografia, de como ela pode ser tendenciosa e suas implicações e de como ela pode afetar e impactar toda uma visão a respeito de um povo. Utilizamos como base textos de: Eliade (2019), Said(1990), Denaboud (2015) dentre outros.

Já no terceiro capítulo dissertaremos acerca dos mitos e lendas. O que são?, suas diferenças, e como essa particularidade da criação humana está presente também na região Peninsular e como essa produção espontânea pode ser também o recorte, para além do tempo, da presença muçulmana no local. Eliade(2019) e Oliveira (1898).

No quarto capítulo apresentaremos as mouras encantadas. Divaguemos no que concerne a essas lendas e seus personagens através dos relatos coletados e apresentados no livro *“Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve”* de Oliveira (1898). Além disso, dissertaremos a respeito das divergentes opiniões sobre sua origem e, neste estudo, discutiremos como essas lendas demonstram em suas singularidades a relação entre os povos que lá conviveram. Oliveira (1898) Marques (2021).

Por fim, no quinto capítulo, analisaremos algumas dessas lendas, expondo as suas características e particularidades das expressões orais populares sobre esses seres encantados que “convivem” por aquelas bandas a fim de corroborar para demonstrar e compreender a relação que cristãos e muçulmanos tiveram ao longo de VIII séculos.

2 - A presença árabe-muçulmana em Portugal

- 2.1 De Maomé as conquistas

Havia na Península Arábica múltiplas tribos de origem semitas. Em uma terra desértica, boa parte do povo vivia como beduínos, nômades dedicados à criação de animais. Já a outra parte, porção litorânea, havia grandes centros de comércio e estruturas agrícolas como: Meca e Yathrib - atual medina ("cidade do profeta"). Ambos não tinham unidade política, nem mesmo religiosa. Grande parte dessas tribos só passaram a ser um povo quando uniram-se a Maomé.

No século VII, por volta dos 40 anos, Maomé recebeu uma visão, de acordo com a tradição, do anjo Gabriel, que trouxe a ele a mensagem de Deus. Determinando que Maomé tornar-se-ia seu profeta. Propagando o ensinamento de um deus único e soberano, denominado "Alá". Com esse entendimento, após alguns anos, Maomé iniciou sua jornada propagando as mensagens que recebeu de Alá.

Os primeiros adeptos as suas palavras foram seus familiares próximos: Cadija, sua esposa e Abu Talib, seu tio. Nesse ínterim, o Profeta passou por inúmeras resistências por parte dos comerciantes locais à sua mensagem de um deus único, pois Meca - cidade na qual morava - era um importante centro comercial, principalmente, por causa da grande circulação de pessoas que transitavam ali para prestação de culto aos inúmeros deuses nos templos contidos na região.

De modo conseqüente, sofreu grande perseguição pelos arredores de Meca. Então, juntamente com seus familiares e seu crescente número de adeptos tiveram de fugir. Com esse cenário, escapou para a cidade de Yatrib - episódio conhecido como Hégira. Lá, ao continuar sua missão, alcançou ainda mais seguidores. Aumentando sua influência não somente na área religiosa, mas também, política e militar.

Levando-o a voltar a Meca em 630 e conquistar a cidade com intuito de guerrear em prol da sua verdade - a mensagem revelada do deus único. Meca tornou-se símbolo e raiz da nova religião - Islã - e organização política.

Não havia administração complicada nem exército, apenas Maomé como supremo árbitro, com vários delegados, um recrutamento militar de crentes, e um tesouro público abastecido por doações voluntárias e impostos sobre as tribos que se submetiam. Fora das cidades, a paz de Maomé estendia-se por uma vasta área. Chefes tribais precisavam firmar acordos com ele, pois ele controlava os oásis e as feiras. (HOURANI, 2016, p. 39)

O profeta buscou disseminar sua mensagem e, conseqüentemente, ampliar seu território por meio de um expansionismo contínuo até sua morte no ano de 632, após contrair uma doença.

- 2.2 Califas e a expansão

Os partidários dessa crença e nova doutrina, posteriormente a morte de Maomé, ficaram abalados e perdidos sobre como prosseguiriam depois deste fato. Houve conselhos para deliberar se suscitariam alguém para continuar o trabalho de expansão da fé e líder comunitário. Colocaram em debate se seriam os membros da tribo coraixita - a tribo que Maomé descendera - ou se seria algum de seus descendentes diretos.

O escolhido como sucessor do profeta foi Abu Bakr, seu sogro, pai de A'isha. Esse foi o primeiro califa. Sua missão foi continuar o processo de expansão da fé e manter vívida a mensagem divina entregue ao profeta.

Em seguimento, mais territórios foram se fundindo ao que se tornaria o Império Muçulmano. Essa proeza foi se ampliando ao longo dos anos aos demais califas seguintes como Hourani (1991, p.44) menciona: “No fim do reinado do segundo califa, ‘Umar ibn ‘Abd al-khattab (634-44), toda a Arábia, parte do Império Sassânida, e a província síria e a egípcia do Império Bizantino haviam sido conquistadas; o resto das terras sassânidas foi ocupado logo depois”.

Seu expansionismo chegou ao Magreb (região que contempla, hoje, a Tunísia, Argélia, Marrocos, Líbia e Mauritânia). Esses lugares foram os pontos-chaves para encaminharem-se em direção a algo ainda maior, a Península Ibérica. Tomando para eles a façanha de derrotar dois impérios: o romano e o persa.

Nos anos seguintes imprime-se a marca árabe. Musa Ibn Noçayr submete o Marrocos e impõe o Islã as tribos bérberes.

Esses novos convertidos conquistarão a Espanha. Ela já havia sido assediada ao mesmo tempo que a Sardenha e a Sicília. Era a consequência necessária da ocupação da África. Em 675, os árabes haviam atacado a Espanha por mar, mas foram rechaçados pela frota visigótica.

O estreito de Gibraltar não podia deter os conquistadores; os visigodos desconfiavam disso. Em 694, o rei Egica acusa os judeus de conspirar com os muçulmanos - talvez, com efeito, as perseguições que sofriam os levassem a esperar a conquista do país. Em 710, Áquila, rei de Toledo, deposto por Rodrigo, duque de Bética, foge para o Marrocos, onde, sem dúvida, solicita ajuda dos muçulmanos, que tiram proveito dos acontecimentos. Em 711, um exército estimado em 7 mil bérberes, sob o comando de Tarik, atravessa o estreito. Quando Rodrigo é vencido na primeira refrega, todas as cidades se abrem ao conquistador que, apoiado em 712 por exército de reforço, concluiu a tomada do país. Em 713, Muça, o governador da África do Norte, proclama na capital de Toledo a soberania do califa de Damasco. (PIRENNE, 2010, p. 147)

Ao tomar as terras dos Visigodos, começa então a implantação de colônias que se transformariam, bem rápido, em cidades, grandes centros comerciais de extrema relevância naquele tempo e nos séculos seguintes.

- 2.3 Muçulmanos na Península Ibérica

Tal domínio tornou-se conhecido pelos muçulmanos como: al-Ândalus. Os acontecimentos naquela terra foram grandes e tiveram profundas raízes, ramificações que se espalharam nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Naquela região, já habitavam cristãos e judeus. Essa afirmação poderia levar-nos a pensar que a convivência entre os três grupos: cristãos, judeus e muçulmanos não poderia funcionar de forma propícia, mas colocando dois pontos importantes à mesa veremos que o entrosamento desses povos levou ao engrandecimento de al-Ândalus.

Primeiro, os judeus residentes na Península apoiaram os novos governantes, pois o povo Visigodo só tolerava a religião do rei, seja ela qual fosse. Era um povo antissemita. No entanto, os muçulmanos tinham por obediência ao Corão em que os judeus e cristãos eram tidos como “povo do livro” - tementes a um só Deus assim como eles -, como VERNET menciona:

sobre todo, al apoyo que grupos de judíos maltratados como tales por los últimos soberanos visigodos, antisemitas, prestaron al ponerse rapidamente al lado de los recién llegados y se constituyeron en los guardianes del orden de las ciudades recién conquistadas, lo cual permitió avanzar constantemente a los invasores. (VERNET, 1998, p. 11)

Outro ponto relevante, foi que os novos governantes foram mais incisivos na disseminação de suas regras e políticas do que a imposição de suas crenças.

La “mediterraneidad” era el eje principal de los omeyas y el marco geopolítico en que se movían. [...] Los Omeyas llevaban esta bandera blanca de comprensión y de respeto mutuo, de tolerancia y de convivencia por toda la cuenca mediterránea, fuese en Damasco de al-Sam/la Gran Siria, su orilla del levante; en al-Qayrawan de Ifriqia/Túnez, su orilla del sur; o en Córdoba de al-Ándalus/la Península Ibérica, su orilla del poniente. (SOBH, 2002, p. 303)

Grande parte da miscigenação cultural se deu através de casamentos. Muitos dos primeiros muçulmanos que participaram do início da constituição de uma nova comunidade islâmica na Península Ibérica, constituíram para si novos matrimônios com judias e cristãs lá já presentes.

A sociedade andaluza era formada por uma fértil mistura de diferentes elementos: muçulmanos, judeus e cristãos; árabes, berberes, espanhóis nativos, e mercenários da Europa Ocidental e Oriental (os saqaliba ou “eslavos”). Era mantida unida pelo califado Omíada em Córdoba, e em torno da corte do califa uma elite de famílias alegava origem árabe, descendentes dos primeiros colonos e com riqueza e poder social derivados de posições oficiais e controle de terra. (HOURANI, 2016, p.254-255)

A aculturação com judeus foi bem mais fácil que com os cristãos. Muitos desses partiram para os povoados cristãos que se formaram no noroeste da Península ou foram dizimados em pequenas contendas que se formaram nos anos iniciais da presença islâmica. Apesar disso, havia também uma grande comunidade

cristã chamados de Moçárabes, cristãos que continuavam com suas crenças, mas assimilaram os costumes muçulmanos e o idioma árabe.

Um dos motivos que levou a diferença de tratamento e recepção aos árabes por parte dos judeus e cristãos, sucedeu que enquanto os judeus subiram socialmente, os cristãos eram rebaixados de seus postos, reiteradamente, pelos árabes-muçulmanos, que alcançaram os postos de nobreza e confiança.

E, naturalmente, na raiz da prosperidade da comunidade judaica havia uma atitude de entusiasmo em relação à cultura árabe que resultou em plena assimilação cultural. [...] Havia razões óbvias e fundamentais para aquela diferença crítica de atitude: os cristãos estavam ajustando-se à perda de status de governantes. (MENOCAL, 2004, p. 92)

- 2.4 As Marcas Deixadas

Uma das características da construção e solidificação de uma cultura é a língua. No caso, de al-Ândalus, o idioma árabe - língua do livro sagrado muçulmano, o Corão - foi instituído como língua oficial da província, assim sendo, difundido em todas as áreas da sociedade.

O árabe era a língua comercial, a língua dos trâmites. O idioma irradiou primeiramente na fala, o árabe andalusino. Misturando-se, muitas vezes, às línguas já expressas criando dialetos locais como o dialeto moçárabe. Na escrita o idioma foi preservado e mantido, sobretudo, pela religião através do livro sagrado, o Corão. Hourani (2016, p.261) menciona que “os judeus que escreviam sobre filosofia ou ciência usavam sobretudo o árabe, mas os poetas usavam o hebraico de uma forma nova [...] os poetas adotaram formas de poesia árabe como a *qasida*² e o *muwashshah*³, e usaram-nas para fins tanto seculares quanto litúrgicos.” Inclusive, de acordo com Hourani (2016), um poeta de grande reconhecimento na época era um judeu chamado Judah Halevi (1075-1141)

² *Qasida* é uma forma tradicional de poemas da literatura clássica árabe. Possui uma estrutura fixa do verso de dois hemistíquios com extensão variável de 20 a 80 versos. Composta por três partes principais: introdução ou preâmbulo, viagem do poeta, louvor ou censura.

³ *Muwashshah* é um tipo de poema estrófico e musical feito em língua árabe clássica. Contém a particularidade de no fim de cada estrofe conter o *harjar*, um refrão ritmado.

Os estudos produzidos na capital do califado estenderam-se e proliferaram-se na Península, na cultura de tradução e estudos em filosofia; ciência; medicina; física; química e matemática - sendo de origem árabe o sistema de numeração ocidental e a poesia.

Por conseguinte, a intervenção muçulmana sendo ela árabe ou berbere (povo oriundo do norte da África - atual Marrocos e Argélia) Estendeu-se a agricultura daquele lugar, como também, a sua arquitetura, trazendo novas técnicas e tecnologias.

O desenvolvimento da agricultura deu-se em técnicas de irrigação, plantio em terras próximas aos rios - terras férteis. Introdução de novas plantas: o arroz; cana de açúcar; limoeiro; algodão; laranjeira; berinjela; amendoeira; oliveira; figueiras e videiras.

A herança arquitetônica estendeu-se às principais cidades e vilas nas construções de muitas mesquitas que seguiam um certo padrão: salas grandes, quadrangulares, com direcionamento para Meca, pátios com chafarizes para as abluções (rituais de limpezas para os pés, mãos e rosto) com os minaretes - torres altas e finas onde o muezim faz o chamamento dos muçulmanos à oração.

Também encontra-se a estética islâmica nos designers das formas arqueadas - os arcos de ferradura. A ornamentação dos espaços, com geométricos, caligrafias, azulejos estilizados, confecções de tapeçaria e emparedadas em metais.

3 - O sectarismo da historiografia

“HIS.TO.RI.O.GRA.FI.A 1. arte de escrever a história (1). 2. Estudo crítico sobre a história ou os historiadores.” (XIMENES, 1954, p.499)

Isto é, preza por descrever uma sociedade, um acontecimento, um fenômeno. Inclina-se a mostrar que ela entende o passado. A historiografia mescla a história, o fato, o real e funde com a escrita, com um olhar do presente para o passado. Segundo Eliade (2019, p. 120) “A historiografia, entretanto, era útil, pois ilustrava o processo do eterno vir-a-ser na vida das nações, sobretudo por conservar a memória das façanhas de diversos povos e os nomes e as aventuras dos personagens excepcionais.”

Quando um historiador ou pensador debruça-se sobre um assunto ao descrever a história, seu olhar sobre o acontecimento carrega consigo uma direção, uma tendência. O porquê, o que e como são algumas das indagações que levam-nos a tentar compreender o viés escolhido sobre os fatos do passado. Ao considerarmos a ampla gama de possibilidades diante de nós no contexto histórico, somos confrontados com a importância da escolha de uma direção a seguir. Como nos revela a historiografia, essa seleção muitas vezes favorece um determinado ponto de vista, elevando-o à posição de destaque em detrimento de outros. A decisão sobre qual relato abraçar torna-se, assim, um ato crítico que molda nossa compreensão da história

Sendo assim, podemos pensar que a base daquele que escreve a história influencia sua visão sobre o fato e, conseqüentemente, sua narrativa.

Los historiadores y pensadores de la antigüedad difirieron en su visión de esta realidad según la época en la que vivieron, su formación intelectual y cultural, y de acuerdo con el período histórico que estudiaban e los aspectos concretos en los que se centraban. Y lo mismo cabe decir respecto de los historiadores actuales.(DENABOUD, 2015, p.11)

O sectarismo da historiografia, então, irá se referir a descrição de como se é escrito a história e como essa escolha pode ser tendenciosa, grifando um ponto de

vista em detrimento de outro. Os motivos que levam a isso podem ser diversos, desde de preconceitos ideológicos, políticos, pessoais ou religiosos e etc.

Com isso, estas histórias que levam a promoção de determinado grupo nacionalista, religioso ou étnico em oposição a outro, podem ser escritas com a finalidade de enaltecer e destacar feitos e virtudes de determinado grupo, enquanto nega ou diminui a contribuição de outros grupos.

Diante disso, a narrativa historiográfica contada pode salientar a parte que mais a favorece. Isso ocorreu, justamente, na história concernente à Península Ibérica e aos vários povos que passaram por lá. Esse fenômeno é particularmente evidente na maneira que os historiadores escolheram moldar e perpetuar a história em relação à influência dos muçulmanos na Península.

Diante de uma cultura majoritariamente cristã, os governos da Península Ibérica foram firmados. A conquista muçulmana sobre aquelas terras, muitas vezes, foi vista como 'castigo de Deus' ou 'abundância de pecados' pelos povos cristãos que lá ficaram. A imagem desses muçulmanos - vindos de diversas regiões, principalmente da Península Arábica e do norte africano - foi passada de geração em geração como vilões e usurpadores e que foram rechaçados em todo o tempo em que lá estiveram.

Compreende-se que durante o tempo em que o povo islâmico esteve no comando da Península houve diversos conflitos entre muçulmanos e cristãos, e, até mesmo, entre grupos islâmicos distintos. Ademais, ao longo dos séculos, diversas dinastias muçulmanas foram sucedidas em diferentes épocas.

Mas ao analisarmos atentamente, seria improvável sustentar que uma relação de domínio violento poderia ter perdurado por um período tão extenso. Os muçulmanos permaneceram naquelas terras por quase oito séculos de relações econômicas e comerciais, de um notável florescimento intelectual; usufruindo de um ambiente de convivência e tolerância entre judeus, muçulmanos e cristãos nunca vistos anteriormente na Europa. Diante dessa perspectiva, surge a crença de que a história selecionada para ser perpetuada optou por obscurecer a próspera existência

dos muçulmanos na região. Este viés seletivo, que negligencia os aspectos positivos e as contribuições expressivas nesse período, levanta questionamentos sobre os relatos predominantes e aponta para a importância de explorar mais profundamente as complexidades desse passado .

Politicamente, as narrativas negacionistas coadunam-se com as “historiografias de esquecimento” analisados por Tessa Morris-Suzuki (2005, pp. 8-9), cujo propósito é o de “obliterar a lembrança de certos eventos da consciência pública” e minimizar os entrelaços entre passado e presente e as responsabilidades daí decorrentes. (AVILA, 2021, p. 161)

A construção de uma identidade europeia se deu através do esquecimento de toda uma cultura e influência oriental islâmica. Priorizando os discursos de vencedores europeus, de uma recém conquista descrita como reconquista em detrimento da derrota árabe-africana espalhando o discurso de povo invasor, ‘inimigos da nação cristã’, “(...)a ideia da identidade europeia como sendo superior em comparação com todos os povos e culturas não-europeus.” (Said, 1990, p.18)

O eurocentrismo que coloca as maiores potências políticas europeias como o centro, como precursora da história, levando ao pensamento de que tudo que provém de lá é o verdadeiro, é o útil. Sobressaltando sua cultura em relação às outras. Como grande exemplo: Portugal e Espanha, que em suas expedições marítimas, ao descobrirem novas terras, exploraram diversas nações e impuseram sua cultura (religião, idioma e costumes).

(...)o Islã era visto como um perigo, moral e militarmente, a ser enfrentado. Traduzido em termos seculares, isso oferecia tanto uma justificação para o domínio quanto uma advertência: o temor de uma “revolta do Islã”, de um movimento súbito entre os povos desconhecidos que dominavam, estava presente na mente de governantes britânicos e franceses. Do mesmo modo, lembranças das Cruzadas podiam ser usadas para justificar a expansão. (HOURANI, 2016, p. 395)

O orientalismo, a ótica deturpada e preconceituosa do Oriente e Ásia, estava presente na época das cruzadas, período em que os árabes-muçulmans eram vistos como inimigos dos cristãos; na literatura medieval europeia que em muitas Cantigas de Santa Maria eram retratados como pagãos, figuras bárbaras e cruéis; ou mesmo, como descrito acima, no período colonial europeu, retratando os mouros como inimigos dos valores ocidentais e dos interesses coloniais.

(...) instituição organizada para negociar com o Oriente, negociar com ele fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o (...) o orientalismo como estilo Ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (...) toda rede de interesses que faz valer o seu prestígio (e, portanto, sempre se envolve) toda vez que aquela entidade peculiar o “Oriente” esteja em questão (SAID, 1990, p.15).

Infelizmente, esse discurso ainda aparece em algumas produções, em filmes como “Aladin” e “Lawrence da Arábia” que representam elementos orientalistas ao passar uma imagem deturpada e romantizada do Oriente, assim como, uma imagem de “povo exótico”.

4 - A criação dos mitos e lendas

Os mitos e lendas são duas formas diferentes de narrativas folclóricas que são passadas de geração em geração. Apesar de existir algum acrescentamento entre esses dois termos, eles possuem algumas diferenças fundamentais.

Mitos são narrativas que tentam explicar a origem do universo, da humanidade, dos deuses e dos fenômenos naturais. Nasceram da dialética, das impressões do homem com a sua realidade.

Geralmente, esses mitos contêm personagens sobrenaturais, uma espécie de realismo fantástico, com grandes histórias que de alguma forma tentam dar sentido à existência humana, por via de regra, eles nasceram de alguma realidade, na tentativa de responder uma questão do presente, mas que não revelam a realidade de fato. São encontrados em variadas culturas por todo o mundo, muitas vezes percebido como forma de revelação divina.

As criações mitológicas em sua função primária de ensino didático, passar algum ensinamento. Porém, a criação desses mitos foi interrompida nas sociedades que em determinados momentos sobreviveram ao desenvolvimento das civilizações que passaram a produzir o conhecimento científico, o conhecimento histórico e não mais se apegar a explicação através do mágico, do maravilhoso para compreender o mundo e as coisas ao seu redor.

Os gregos foram despojando progressivamente o *mythos* de todo valor religioso e metafísico. Em contraposição ao *logos*, assim como, posteriormente, à *história*, o *mythos* acabou por denotar tudo “o que não pode existir realmente”. O judeu-cristianismo, por sua vez, relegou para o campo da “falsidade” ou “ilusão” tudo o que não fosse justificado ou validado por um dos dois Testamentos. (ELIADE, 2019, p.8)

Por outro lado, as lendas podem ser baseadas em eventos históricos ou podem ser completamente fictícias, mas, geralmente, tem uma conexão com um lugar ou tempo específico. A lenda é uma construção literária. pode sim ter por

inspiração algum fato, mas os seus meandros, seus detalhamentos não possuem essa completude.

As narrativas das lendas, geralmente, concentram-se em um herói ou heroína que enfrenta desafios e adversidades para alcançar algum objetivo ou partem de um acontecimento a uma comunidade que, com o passar do tempo, vai ganhando contornos mágicos e sobrenaturais. possuindo sempre uma ligação com um grupo específico.

Geralmente, são transmitidos de formas orais, desenvolvendo, então, uma ancestralidade, trata-se de contos narrados de geração em geração, levando-as ao anonimato do autor mesmo que persistam ao longo dos tempos.

Mais precisamente, o que é evidência oral? No início eu a defini como a evidência obtida de uma pessoa viva, em oposição a fontes inanimadas, mas isso não está suficientemente detalhado. Há a tradição oral. Em *De la tradition orale*, o livro que, mais que qualquer outro, revolucionou nossa percepção da tradição oral, Jan Vansina a definiu como “o testemunho oral transmitido verbalmente de *uma geração para a seguinte*, ou mais” (ênfase do autor). Tal material é a substancia daquilo que possuímos para reconstruir o passado de uma sociedade com uma cultura oral. (BURKER, 2011, p.174)

Assim também ocorreu, por exemplo, na região da Península Ibérica, mais precisamente, em Portugal e na Galiza. As narrativas ao longo das décadas a respeito dos mouros se desenvolveram em lendas ditas como: “Mouras encantadas”. Personagens da mitologia folclórica Ibérica que são transformados em seres encantados com poderes sobrenaturais que necessitam de alguma ajuda para se verem livres de seu encantamento aprisionador.

Todos conhecem a natural tendencia do homem para tudo que se lhe afigura misterioso e simbolico, e essa tendencia é tanto maior quanto mais accentuada a sua ignorancia. Admitindo, pois, a superioridade civilizadora das diversas raças, que povoaram a nossa provincia [Algarve/Portugal], fica explicada a influencia que ainda hoje a lenda exerce no espirito do nosso povo.(OLIVEIRA, 1898, P. XIV, INTERPOLAÇÃO NOSSA)

Diante disso, compreendemos que os mitos narrativos tentam explicar as coisas pertinentes ao universo e as lendas sendo narrativas com foco em seus personagens heroicos e suas jornadas. Ambos serão importantes para compreensão

das culturas e tradições de um lugar e seu povo, transmitindo e compartilhando valores e crenças.

5 - As mouras encantadas

5. 1 - As Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve.

As lendas sobre as mouras encantadas permaneceram por tantos anos no imaginário popular que, em 1898, foi publicado pelo bacharel em teologia e direito pela Universidade de Coimbra, Conservador Privativo do Registro Predial da comarca de Loulé e escritor Francisco Xavier d'Athaide Oliveira a obra: "As mouras encantadas e os encantamentos no algarve".

Esta obra aborda a rica tradição oral Peninsular dando foco à região do Algarve, em especial, as lendas e histórias envolvendo as mouras encantadas e os encantamentos. O autor percorreu inúmeras vilas e lugarejos usando o método de recolher informações, indagando e relembrando através de entrevistas os transeuntes e moradores da região a respeito das mouras encantadas.

Convencido de que a probidade deve ser uma qualidade inerente ao escritor, envidei todos os esforços no intuito de oferecer aos leitores um livro, onde encontrassem as lendas tais como teem sido transmittidas até nós, mediante a tradição das familias. (OLIVEIRA, 1898, p. XIX)

Com as memórias das pessoas através das narrativas que lhe foram repassadas, Athaide Oliveira desenvolveu uma obra riquíssima para o folclore português por meio dos contos orais que foram transmitidos. O autor faz referências a aspectos geográficos e históricos da região, bem como, a crenças e práticas religiosas. Explora de maneira simples, mas profunda a cultura daquele território.

- Era eu muito criança, ouvi contar a minha avó que, em certo dia de junho, aproximou-se seu avô da prata, uma senhora a pentear os seus cabellos de ouro com um pente que parecia um grande brilhante. O avô da minha avozinha ficou muito assustado, mas não se atreveu a afastar-se d'ali." (OLIVEIRA, 1898, p. 28)

- Quem contou a senhora Maria do Carmo tudo isso?

- A mesma pessoa que me ensinou o *Padre Nosso*, a minha mãe. Soube-o ella de sua mãe, e esta de seus avós. E isto, sabe-o por ahi muita gente, por ouvir tambem aos seus avós." (OLIVEIRA, 1898, p.33)

As lendas das “mouras encantadas”, Continuam fazendo parte da cultura desses locais, através das festas e nomeações de diversos estabelecimentos, teatros, artes... mantendo viva a rica história da região. Em sua introdução ao livro, Athaide Oliveira, discorre sobre a fantástica ocorrência da humanidade: a arte de fazer histórias perdurarem ao longo do tempo

Parece incrível a perfeita conformidade e harmonia na narração das lendas, feita por pessoas em idade avançada, algumas das quais nem se conhecem! Esta harmonia, realmente maravilhosa, convenceu-me de que as lendas, como partes integrantes da vida familiar, teem sido transmitidas por testemunhas convictas da verdade encerrada na sua narração, e conservadas por pessoas que lhes ligam toda a fé e auctoridade. (OLIVEIRA, 1898, p. xx)

5. 2 - O termo moura

Esses personagens são chamados de “mouras encantadas”, pois a figura que mais se repete nas lendas são femininas. Não excluindo, também, a existência de algumas lendas em que os personagens principais são animais, crianças ou do gênero masculino.

O termo “encantada” de acordo com Athaide Oliveira (P. XVI - XVII) vem de uma origem bem antiga “Os chamados encantamentos teem certamente mais antiga origem e suponho que foram uma adaptação dos contos das fadas, muito em voga n’esses tempos, aos contos da expulsão dos mouros”. Já Dias Marques irá reforçar a definição de Leite Vasconcelos:

Encantados são seres obrigados por oculta força sobrenatural a viverem em certo estado de sítio, como que entorpecidos ou adormecidos, enquanto determinada circunstância faz *dobrar o encanto*, se os *encantados* são seres humanos. (Marques, 2021, p. 229; *itálicos do original*, apud Vasconcelos)

Alguns estudiosos e escritores, discutem a respeito da origem do termo “moura”, a princípio, não parecem terem feito muitos questionamentos a respeito do porquê se chamam assim. A ideia era a associação do contato do povo português com os mouros e que tais lendas se concentravam na região do Algarve, por ter sido a última região habitada pelo povo mouro - a região que teve a presença deles por mais tempo. Dois desses escritores foi Teófilo Braga e Almeida Ferreira:

O lindo romance da Moira encantada (...) é expressão pura do genio algarvio.(MARQUES, 2021, p. 239, apud HARDUNG 1877, P. 34 NOTA1)

(...)a poesia sempre diversificou de província para província, como ainda hoje diversifica: em cada uma existe com o seu cunho natural; e, no Algarve, as mouras encantadas, as talhas encerrando ramo de peste e thesouros prodigiosos e os contos mouriscos assentam n'um maravilhoso mui differente do maravilhoso da província do Minho, onde fortalece as lendas dos santos, os milagres e os contos religiosos da hospitalidade.

(MARQUES, 2021, p. 239 apud FERREIRA, 1875, P. 11-112)

Mas o estudioso e professor Marques irá contrapor este pensamento com a teoria de que as lendas das mouras encantadas, na verdade, viessem de uma influência mais antiga. Uma influência Celta. Marques irá defender que

As lendas de mouras viriam das tradições “do norte” da europa, onde era possível encontrar personagens femininas que guardavam tesouros, tal como acontece com as mouras da tradição portuguesa. A designação de “mouras” dada às personagens das lendas portuguesas seria, pois, uma confusão. Mas, ao contrário do que irá defender Martins Sarmiento, o termo Moura (encantada) não viria do nome dado às mouras históricas e, sim, dos termos “mahra e mahr, que nas linguas do norte designa[m] o espírito incubo. (MARQUES. 2021, P. 246)

Mediante aos argumentos citados a respeito da possível origem do nome "Moura", observamos ao longo deste trabalho, seja através da expulsão ou do apagamento cultural, todo o esforço e luta para negligenciar a influência moura no Algarve e arredores a fim de a historiografia portuguesa continuar a procurar novos nomes para apoiar-se histórica e culturalmente pondo de lado uma de suas raízes.

Pressupomos, também, que há um multi direcionamento durante os processos de trocas culturais, sendo elas pacíficas ou turbulentas, todas essas raízes agregam valor ao multiculturalismo. Uma sociedade só tem a crescer quando abraça todas as possibilidades do seu DNA.

5.3 - Mouras encantadas

Os portugueses em 1492 - marco final da conquista cristã - conseguiram dominar e se apossar definitivamente da maior parte do território andalusino. Expulsando os mouros e iniciando um processo de apagamento da presença muçulmana árabe-berbere. Todavia, é possível notar que as memórias da mistura

étnica permaneceram naqueles que lá ficaram através dos contos e lendas populares, esses mouros continuaram vivos no imaginário popular.

Estas lendas populares são conhecidas como as lendas das “mouras encantadas”. São histórias orais que espalharam-se e foram transmitidas ao longo das décadas acerca desses seres místicos que habitavam determinados lugares da Península, como na região do Algarve, e que estão presos nesses recintos por alguma força sobrenatural aguardando que algum corajoso ou corajosa cumpra o desafio de quebrar os encantamentos e resgatar esses seres de seu cárcere encantado.

De acordo com a tradição as mouras encantadas eram de cabelos longos e negros, de aparência muito atraente. Em muitas lendas elas são retratadas como filhas de reis árabes, e descritas como seres mágicos que possuem poderes encantados e sobrenaturais capazes de conceder dons e riquezas aos homens, pois foram amaldiçoadas e enfeitiçadas e, por isso, estão presas aguardando algum corajoso para cumprir o desafio e as libertarem.

As lendas irão contar-nos que estes seres habitavam em castelos, cavernas, açudes, torres, covas, grutas, ruínas ou nas fontes. Espaços que eram ligados entre si, pois a população imaginava que os mouros construíram túneis que ligavam uma caverna com a outra. Lugares subterrâneos, com pouca luz, sombrios. A morada dessas mouras é vista como inacessível, fortificações restritas ao acesso dos seres humanos, permanecendo e reiterando o conceito do mouro como o “outro”, o “não-humano”, demonstrando características de uma criatura mágica capaz de viver onde um ser humano não viveria. Ligando ao conceito de diabólico, daquilo que está e mantém-se oculto.

Consoante Oliveira (1898, p. XVI), muitos mouros que conseguiram escapar de serem forçados a partir para o marrocos, passaram a viver em ambientes escondidos e afastados como em cavernas, saindo somente à noite para não serem vistos.

É possível que alguns d'estes mouros ou suas esposas fossem de noite vistas junto das suas habitações subterraneas; é também possível que, ao passar proximo das furnas, algum christão ouvisse chorar crianças lá dentro; podia ter succedido em alguma occasião que um mouro ou moura desgarrada fosse apanhados por algum christão, que para os não descobrir, recebeste retribuição valiosa; e d'aqui podiam nascer as lendas de mouros e mouras encantadas, visto que os christãos os suppunham versados n'aquella sciencia da magia. (OLIVEIRA 1898, P. XVI)

Em algumas narrativas as mouras encantadas são tidas como guardiães de enormes tesouros que foram guardados e acumulados durante várias gerações de regentes árabes que lá viveram, escondidos nestes lugares em que estão aprisionadas. Elas , então, protegem esses tesouros com sua magia, porém, mostram-se dispostas a compartilhar seus segredos para aqueles que desejarem a recompensa.

De acordo com as lendas, as mouras encantadas podem ser libertas de seu encantamento por um homem ou mulher corajoso e virtuoso. A intenção do ser encantado está no desejo de que o ajudem a ser liberto ou no desejo de encantar o humano para lhe fazer companhia. A intenção do humano está em ajudar no desencantamento e sobretudo no desejo de possuir os tesouros.

O pedido para ser desencantado pode partir do próprio ser sobrenatural ou de seu familiar. Este pedido pode levar o humano a ultrapassar vários desafios e obstáculos como: labirintos e enfrentar criaturas míticas, decifrar charadas e enigmas.

Caso o herói/heroína obtenha sucesso em sua tarefa, a moura o recompensará com tesouros ou, em alguns casos, por fim, terá o relacionamento amoroso desejado entre o ser sobrenatural e o humano. No entanto, a lenda também adverte que aqueles que quiserem maltratar ou desrespeitar a moura de alguma maneira ou falar sobre o que viu ou ouviu da moura encantada ou olhar o que lhe foi dado pelo ser sobrenatural ou, até mesmo, ter medo do ser encantado estando ele na forma de mulher ou animal - serpente, cabra, dragão, carneiro, touro - sofrerá terríveis consequências.

Caso as condições do pedido não sejam aceitas e respeitadas, o encanto da moura encantada será redobrado. Se porventura ao ouvir o pedido e não cumpri-lo o humano pode perder o tesouro, sofrer cegueira, mudez ou morrer.

Na condição do humano aceitar e cumprir o desafio, ao ser desencantada, a moura encantada entrega o devido tesouro em agradecimento e recompensa para o humano e parte de volta para a sua terra, para enfim, reencontrar sua família e seu povo. Em um segundo caso, algumas mouras que foram libertas, casam-se com o humano que cumpriu com o desafio, não retornando mais a sua família e seu povo.

6 - Análise de contos

Neste capítulo, iremos analisar algumas dessas lendas⁴ e discorrer acerca dessas histórias que foram sendo passadas no decurso do tempo. Conforme vimos anteriormente, essas narrativas muito se assemelham com as histórias, características e curiosidades do povo e da sociedade que os mouros desenvolveram nas suas cidades natais e edificaram na Península Ibérica. Além disso, um dos pontos mais acentuados nessas lendas é a influência do modo como os mouros foram expulsos da Península.

Nº1:

Não muito distante da povoação, há um sitio chamado a *Fonte de Ouro*, antigamente cognominado a *Fonte do Mouro*, onde, segundo a tradição de muitos seculos, existem encantadas duas irmãs, duas mouras, que teem apparecido a diversas pessoas. Ha muitos anos passava casualmente por este sitio um mancebo, viu sentada a pentear-se com um pente de ouro uma formosa mulher. O rapaz quedou-se pasmado para o pente e para a mulher.

- O que queres? perguntou-lhe a mulher.
- Nunca vi pente tão bonito e tão rico, respondeu o mancebo.
- Dou-te riquezas de muito mais valor se me prestares um pequeno serviço.
- Que serviço?
- Eu e minha irmã estamos aqui encantadas. Se nos desencantares, dou-te dinheiro para compares muitos pentes.
- O que devo fazer?
- Amanhã, antes do sol nado, vem aqui e encontrarás dois touros bonitos e bellos. Junge-os ao arado e tira um rego da igreja de Salir até os palmeiros: um rego sem curvas, o mais direito que possas. Deves, porém, ter em consideração que te não distraias com o que encontrares pelo caminho, ainda que a chapa do arado levante peças em ouro. Se te distraires não ganhas o que te prometti e redobras o nosso encantamento.

Prometeu o rapaz cumprir á risca a condição proposta.

No dia seguinte, antes de nascer o sol, voltou o mancebo ao sitio e encontrou dois bellos touros. Jungiu-os ao arado que ali encontrou e tomou o caminho de Salir, começando o rego á porta do templo, que então era a capella do castello. Tirou o rego, seguindo a direcção dos Palmeiros, com os olhos fixos na canga para se não distrair. A cem metros dos Palmeiros encalhou a chapa do arado em uma pedra, que rebentou ao impulso dos touros, saltando para o ar uma grande porção de dobrões em ouro. Esquecido da promessa ou convencido d'aquelle anexim *mais vale um passaro preso do que dois voando*, o rapaz largou a rabiça do arado e foi encher os bolços e os dobrões tinham desaparecido!

Não podia ser maior o castigo!

⁴ Decidiu-se preservar a ortografia original do texto datado de 1898.

No Serro da Pena tem sido vista, á meia noite, ao meio dia, e antes do sol nado, uma formosa moura a passear á beira do precipicio, no ponto em que é mais ingreme o rochedo.

(p. 73-74)

Nesta versão de uma das lendas da Moura de Salir, há sempre um elemento que chama a atenção do ser humano para o ser encantado em questão. Desta vez, foi um belo pente. A moura aproveitou a admiração e desejo demonstrados pelo humano e o atraiu através da proposta de ganhar um rico prêmio em troca de ajudá-la e a sua irmã, também encantada, ao desencantamento.

Os dois bois que apareciam pela manhã, muito provavelmente, são as figuras das duas irmãs em formato de animal. É muito comum nas lendas das mouras encantadas elas possuírem também uma versão animalesca nas horas em que humanos podem as ver com maior frequência.

Em seguida, a moura o alerta que há a possibilidade de perda do prêmio caso ele se distraia. A distração, esquecimento ou a menção a outra pessoa são grandes empecilhos para a perda dos prêmios propostos. A condição para perder a recompensa tende a ser mais rígida, pois é necessário que o humano cumpra de fato o que foi proposto, senão o tempo de encantamento da moura será dobrado.

Infelizmente, nessa lenda o humano não cumpriu o combinado e a moura permanece em seu cativeiro.

Nº 2:

Parte das forças, que atacaram o castello de Faro, fôra collocada no largo actualmente chamado de S. Francisco, e estas forças eram commandadas por um brioso official, robusto e formoso rapaz, solteiro. Este official pôde vêr em certa occasião a formosa e gentil filha do governador mouro e d'ella ficou namorado. A presença agradável e o aspecto belicoso do nosso official não passaram despercebidos a moura, e esta, em breve tempo, estava em relações amorosas com o valente official, por intermedio de um seu escravo, tambem mouro, e que conhecia perfeitamente as linguas portugueza e sarracena.

Em certo dia conseguiu o official que a sua namorada o recebesse em curto *rendez-vous* dentro do castello, combinando-se que o mouro intermediario lhe abrisse, alta noite, a porta, hoje da Senhora do Repousa. Antes da noite dirigiu-se o official a alguns dos seus camaradas e disse-lhes:

- espero entrar n'esta noite dentro do castello pela porta do nascente. Se não voltar, depois de pequena demora, é porque cai n'um laço bem urdido; e então peço-lhes que se o castello for tomado e lhes venha ás mãos a filha do governador a poupem e a não maltratem. Certamente ella não contribuiria para tal traição. Prometeram-lhe os camaradas cumprir as suas ordens, depois que reconheceram a impossibilidade de o demover da sua empresa.

A' hora marcada entrou o official no castello e ahi em doce colloquio se entreteve com a dama dos seus encantos. A' hora de sair, acompanhou ella o seu querido namorado até á porta do castello, levando consigo um irmão, criança de oito annos.

Quando se aproximaram da porta, disse-lhes o escravo, que da parte de fóra estava muita gente, pois que mais de uma vez lhes chegavam aos ouvidos vozes abafadas. A gentil moura estremeceu.

- Não tenhas medo: respondo pelos que estão de fóra, disse o official á moura, dando-lhes o beijo da despedida.

N'este momento o criado destrancou a porta, fazendo pequeno arruido. Então foi a porta impellida de fóra para dentro com muita força e um grupo de soldados christãos, n'uma vozeria de estontear, começou a gritar pelo seu official. A este impulso gigantesco, o official recuou um passo e susteve nos braços a sua gentil moura, collocando-a sobre os hombros e dizendo em voz alta:

- Para traz, para traz; estou aqui.

Já a este tempo soava por todo o castello a voz de alarma. Armados até os dentes affluiram os defensores á porta do nascente. O official, segurando nos braços a moura gentil, viu-se em imminente perigo. Avançou para fóra com a moura, e, quasi ao transpôr a porta, hoje conhecida pela da Senhora do Repouso, notou que tinha nos braços não uma formosa joven, mas apenas uns farrapos, que se desfazião á mais pequena e leve aragem. Olhou ao lado pela criancinha e não a viu. Então teve a profunda e tristissima comprehensão da sua desgraça. Caiu no chão sem sentidos.

Passadas horas tornou a si o official e viu-se deitado na sua cama sob a barraca de campanha. Tinha ao seu lado um camarada, de quem era amigo íntimo.

- Quem me trouxe para este logar? perguntou.

- Não fales porque te faz mal. O fisico prohibiu que falasses.

- Eu estou bom, disse o official, erguendo-se de um salto. Quem me conduziu para aqui?

- Eu e os nossos camaradas. Estavas caído entre a porta do castello.

- E a filha do governador?

O amigo nada lhe soube dizer da filha do governador. Contou-lhe que, tendo esperado com alguns camaradas a sua saída do castello, tinham resolvido entra-lo á força, suppondo que o teriam morto, e que o governador ousado acudira com suas numerosas forças a rechassara a pequena força portugueza. N'esse momento acudiram as forças do Mestre e de D João de Aboim e os mouros tinham sido forçados a entregar o castello, mediante uma avença com o rei D Affonso.

O official saiu da barraca e pediu ao amigo que o deixasse. Dirigiu-se á porta do castello. Ao entrar pelo Arco da Senhora do Repouso viu do lado esquerdo a cabeça de uma criança que se assomava por um boraco.

- o que fazes ahi, menino? perguntou o official, conhecendo o irmão da sua namorada.

- Estamos aqui encantados: eu e minha irmã.

- Quem vos encantou?

- O nosso pai. Soube por um espia que levavas nos braços a minha irmã acompanhada por mim, e, invocando allah, encantou-nos aqui., no momento em que transpunha a porta. Por atraioarmos a santa causa do nosso Allah aqui ficaremos encantados.

- Por muito tempo?

- Enquanto o mundo fôr mundo.

O official, um valente, não pôde suster as lágrimas. Quiz ainda perguntar á criança pela irmã, mas a criança desaparecera.

Nunca mais ninguem viu o official rir. Terminando o cerco, pediu licença ao rei e recolheu-se a um convento, onde professou, adotando outro nome.

(p, 120-123)

A lenda da “moura de Faro” tem como plano de fundo o período da tomada da cidade de Faro feita pelo rei D. Affonso III. Assim como essa lenda, a grande maioria das lendas possuem como justificação a expulsão dos mouros da Península Ibérica pelos portugueses. Neste período, diversas mouras, mouros e “mourinhos” foram encantados pelas mais diversas razões e explicações.

Com este cenário, a lenda conta-nos sobre a paixão entre um cristão e uma moura. Este cristão não só é descrito como um homem formoso, mas, também, como um oficial comandante do exército de Portugal. Esta história nos mostra, através da tradição popular, que o enlace entre casais de religiões e etnias distintas efetuou-se ao longo das gerações.

Nesta narrativa, observamos que o encantamento acontecia através da invocação a Allah. Aqui o próprio pai da mulher e do menino, pede a Allah pelo encantamento e acaba que o pequeno irmão termina encantado junto a irmã por tabela. De acordo com o menino, acabam encantados por “atraiçoarmos a santa causa do nosso Allah”. Infelizmente, neste conto não há forma de desencantamento.

Nº3:

O facto que vou narrar deu-se ainda no tempo em que D. Affonso III estava em Albufeira em grande namoro com a filha do governador mouro d’aquella villa. Reparou o hortelão cautellosamente nas pessoas que conversavam e conheceu perfeitamente que eram um mouro e uma infeliz moura.

- Perdoa-me, pai! exclamava a jovem em soluços.

- Não posso, filha minha, e Allah sabe com que pena te aplico tão duro castigo.

E ao mesmo tempo começou a fazer sinais sobre a cabeça da filha, pronunciando umas palavras inintelligíveis e dizendo no fim:

- Aqui permanecerá encantada até que duas pessoas de sexo diverso amassem filhozes com a agoa d’este rio, na vespera de S. João, e aqui as venham comer depois de mutuamente se terem atirado á cara com as mesmas filhozes. (sic.)

E o mouro dizendo estas palavras atirou com a filha ao rio, lançando em seguida uma enorme caixa cheia de dinheiro.

Este rio, do que reza a lenda, é o mesmo hoje conhecido pelo Rio Secco, o que faz crer que n’aquella epoca ainda se não tivera seccado de todo.

Na proxima vespera de S. João o hortelão e sua mulher, embora a esta fossem desconhecidos as intenções do marido, amassaram as filhozes com a agua do rio, e junto do lugar do encantamento comeram as filhozes depois de se terem mimozeado com as mesmas, que mutuamente atiravam á cara um do outro.

Quando acabaram de comer as filhozes, appareceu-lhes uma linda mulher, vestida de moura que lhes agradeceu reconhecidamente o seu desencanto, desaparecendo immediatamente.

Então o homem, que sabia nadar, atirou-se ao rio, e do fundo transpoz para terra uma caixa cheia de dinheiro em ouro.

(pág, 129-130)

Nesta lenda a moura teve um final feliz, graças as coincidências da vida. O bom homem cristão provavelmente já conhecia sobre as mouras, pois logo que a desencanta sabe que o seu prêmio o esperava no fundo do rio.

Nº4:

“Ha em Olhão uma rua chamada de S. Bartholomeu. Passeando por essa rua, ha algum tempo, na companhia de um amigo, disse-me este:

- Anda em procura de mouras encantadas e de encantamentos, segundo me acaba de dizer, pois n’esta rua mora um sujeito que presenciou um encantamento.
- como se chama esse sujeito?
- Manoel Caleça Branco. É um homem de setenta annos.
- Posso falar-lhe?
- Vamos vel-o.

Dirigi-me com o meu amigo a cada sr. Manoel Caleça Branco e em breves momentos estava na sua presença. É um bom velho com a barba branca e de aspecto franco e aberto, como facilmente encontramos nos homens da sua profissão de pescador.

- Venho a sua casa no intuito de saber a verdade de um facto que lhe succedeu.
- Que facto?
- Um encantamento que o sr. vir, quando ainda era criança.
- Bem sei, bem sei: tinha eu oito annos.
- Se não se incommoda, pode contal-o?

Sim, senhor. Tinha oito para dez annos, andava eu brincando com os rapazes da minha idade ao jogo da bola, quando me appareceu um sujeito desconhecido. N’esta occasião os meus companheiros de brinquedo tinham já retirado para suas casas.

O sujeito perguntou-me: queres brincar comigo?

- Quero, respondi, apesar do sujeito ser um rapazola muito mais velho do que eu.

Começamos a brincar, mas vi logo que elle não pescava nada do jogo.

- Você não sabe d’este jogo, disse-lhe.
- Mas sei outros mais bonitos.
- Quais?
- Põe-te em cima das minhas costas e verás.

Eu era animoso e escanchei-me immediatamente nas costas do sujeito. Não imagina: elle não andava, voava. Quando cheguei ao sitio, onde hoje corre a estrada do ramal novo, proximo á horta do Souzinha, elle parou e abriu-se na sua presença um alçapão por onde descemos a um palacio, que era uma verdadeira maravilha. Nunca vi tanto ouro. Ali me conservei por algum tempo até que lhe pedi que me trouxesse para minha casa.

- Sim, levo-te e tem a certeza de que já te não deixo. Andarei invisivel ao teu lado, sentar-me-ei á mesa contigo e contigo me deitarei.

Logo que cheguei a casa, contei tudo a meu pai, que me disse tivesse cautella porque o tal sujeito não era causa boa.

- E esse sujeito não lhe disse quem era?
- Disse-me que era um mouro encantado.
- E não lhe disse de que modo podia ser desencantado.
- Disse-me, mas esqueci-me. Muita gente me tem feito igual pergunta.
- E sabe se elle o acompanhou por muito tempo invisivelmente?
- Por algum tempo. Se minha mãe me punha ao almoço dois peixes um desaparecia immediatamente: era elle que m’o papava.

Ollhei para o sr. Branco e disse-lhe:

- Parece-me que o sr. está brincando...

- Juro-lhe que é verdade o que lhe estou contando. Sou um velho e não costumo enxovalhar as minhas barbas brancas com mentiras.
 - Essa companhia invisível andou por muito tempo consigo?
 - Desapareceu, quando fui á confissão e communguei pela primeira vez. Foi então que me senti desacompanhado; não quero afirmar que fosse exactamente n'aquella occasião.
 - E não voltou ao palacio encantado?
 - Só se eu fosse tólo. Não tornei lá.
- Sai da presença do pescador. Na rua disse ao meu amigo, o sr. Joaquim Soares Mascarenhas:
- O que diz a isto?
 - Sempre o tenho ouvido contar aquillo mesmo, e sempre com a maior convicção de que viu o que conta. Não sei dizer-lhe mais nada. (pag. 148 - 150)

A partir da perspectiva cultural, esta lenda destaca o encontro entre diferentes tradições e crenças, e como isso pode influenciar a vida das pessoas comuns, como Manoel, na sua interação com o mundo mágico e sobrenatural.

Nº5:

“Havia em tempos idos um maioral de cabras, casado, que tinha a sua pobre choupana mesmo em frente do referido barranco. Todas as noites trazia elle o leite mugido na tarde com que a mulher e numerosos filhinhos se alimentavam, vendendo o restante para comprar o pão das sopas. De madrugada voltava para o gado, e assim ia vivendo em muita miseria, mas ainda assim satisfeitos todos com a sua sorte.

Em um dia que a mulher do pastor acabava de abafar o leite da vespora, viu entrar-lhe pela porta uma cobrinha, côr de oiro, muito pequenina e tão linda, tão linda, que a pobre mulher, longe de se assustar, não podia d'ella affastar os olhos. Fazia a cobrinha uns maneios com tanta graça, abria a boquinha com tanta gentileza e meneiava a cauda em compasso tão vivo e tão fugaz, que era um encanto vel-a.

Lembrou-se a mulher de lhe encher uma escudeira de leite ainda morno e pôr-lh'o proximo, por ter ouvido dizer que as cobras são gulosas d'este alimento. Pelo menos puvira contar ás suas visinhas que as cobras de noite sobem aos telhados das casas onde ha mães ou amas criando, e, descendo até á cama, em que dormem ao lado das criancinhas, ousam mamar, entretendo a gulosina das crianças com o extremo da cauda, que lhes mettem nas boquinhas.

Bebeu a cobrinha o leite com soffreguidão e saiu, não sem voltar repetidas vezes a cabeça para a mulher do pastor, como convidando-a a acompanhar-a. Repetiu-se a mesma scena nos dias seguintes e á mesma hora até que a mulher se resolveu a seguir a sua hospede com quem se familiarisara, a ponto de a afagar e de lhe fazer festas, que a cobrinha agradecia a sen modo.

Foi a mulher atraz da cobrinha, que se dirigiu para o alludido barranco, entrando ambas por uma abertura, que havia na barreira. Immediatamente se levantou uma grande lagem, deixando ver uma formosa escada de alabastro, de onde, ao mesmo tempo saia um mourinho, muito gentil, de gorro encarnado e que, com modos muito corteses e carinhosos, em repetidas instancias, pedia á mulher que o seguisse ao seu palacio subterraneo, porque d'isso dependia a sua fortuna. Convencida a mulher de que quem não sabe utilizar-se da fortuna, quando ella vem, não deve queixar-se, quando ella se vai, encheu-se de animo, desceu as escadas atraz do mourinho, e

achou-se em um formoso aposento de cristal de rocha, e n'elle viu amontoada em cofres de oiro tanta riqueza em dinheiro e pedras preciosas, que ninguem pode imaginal-o e menos descreve-o.

- Tudo isto te pertence, disse-lhe o mourinho, em recompensa de me haveres quebrado o encanto em que jazia.

- De que maneira quebrei o encanto? perguntou a mulher, saindo do espanto em que tanta riqueza a submergira.

- Não te assustando de ver a cobrinha que enviei para aqui te conduzir. E' necessario, porém, para utilizares d'estas riquezas, que agora mesmo conduzas tudo o que poderes para tua casa, e que tudo ahi escondas por forma que nem o teu marido nem os teus filhos, durante tres mezes inteiros, o tempo que careço para chegar á mourama, minha patria, nem sequer suspeitam da fortuna que lhes destino. Durante estes trez mezes jejuarás todos os dias, e, sem que elles passem, não tocarás em um real do que d'aqui levars.

Assim prometeu a corajosa mulher e assim o fez. Diz-se, e é verdade, que o espirito e o saber dos homens acertam muitas vezes menos do que o simples instinto das mulheres. A condição imposta pelo mourinho seria de uma solução difficilima, se não impossivel, se a sua realização dependesse simplesmente do homem; mas a mulher do pastor soube perfeitamente cumprir todas as clausulas da condição com uma rectidão pasmosa.

Começou logo por dar destino aos filhinhos, masdando-os para fora de casa; tirou as mós do tremonado, limpou-o do entulho que o enchia, mettu n'esse vazio quanto dinheiro e joias pôde carrear, cobriu tudo de argamassa, poz as mós no seu logar, e dia a dia ia contando o seu jejum com o cuidado de quem não queria enganar-se. Tres mezes contados, mostrou então ao marido a fortuna que lhes entrava em casa.

E' claro que d'ahi em diante o marido deixou de pastorar o seu rebanho. Ambos deixaram o seu rude officio, e ambos, transformados em grandes personagens, pois que o dinheiro foi sempre um pergaminho de nobreza que nunca debota, foram residir na cõrte, onde foram cobertos de honras e mercês. Seus filhos, educados na capital, foram tambem grandes senhores, pois que a riqueza era tanta que o seu desbarato se tornou impossivel, e ainda hoje chega até nós a fama de gente tão rica.”
(pág, 253-256)

A mulher do pastor, com sua coragem e habilidade de seguir as instruções do mourinho, é retratada como uma figura sábia que aproveita a oportunidade para melhorar a vida de sua família. A relação de respeito que ela criou com o animal e, posteriormente, com o mourinho, levou-a em dignidade e bonança.

N°6:

“Próximo da *fonte de Espiche* morava em tempos, que já lá vão, um pobre homem, se é que morada pode chamar ao campo desnudado, onde elle, ao relento, estendia sob uma árvore os membros cansados e lasos.

Em uma noite deixou-se elle adormecer ao abrigo de umas balsas junto d'aquella fonte. Seria meia noite, hora destinada aos seres, que andam pelos ares ou caminham por extraordinários processos, acordou o pobre homem ao tropel de duas cavalgadas, em uma das quais montava um cavalleiro trazendo á garupa uma formosa moura e a outra era conduzida por um criado e vinha carregada com dois bahús.

O cavalleiro mostrava um aspecto triste e severo. Apeiou-se junto da fonte, pegou na moura e lançou-a dentro e logo atraz caíram os dois bahús, acompanhando estes movimentos das seguintes palavras:

- Ahi ficas encantada, filha minha, até que haja quem n'este sitio salsa regada com agoa do maná, cresça e floresça.

Disse estas palavras e tudo desapareceu. O pobre homem ficou por muito tempo a pensar nas palavras do mouro. Elle conhecia perfeitamente a salsa, planta da familia das umbelliferas, mas do maná só tinha o leve conhecimento do que ouvira contar a sua mãe por occasião do povo hebreu andar pelo deserto. Viu logo o pobre que a palavra maná deveria ser tomada em sentido cabalístico, e n'este intento, apenas nasceu o sol, dirigiu-se a uma horta e d'ella trouxe uma boa porção de salsa que plantou em redôr da fonte. Em seguida foi á próxima igreja e pediu ao paroco lhe benzesse uma boa vasilha cheia de agua. Logo que a agua foi benta poz-se a regar a salsa com esta agua, que, pelo facto de ser benta, devia ser miraculosa, como miraculoso fôra o maná caído no deserto.

Em pouco tempo começaram a aparecer os primeiros botões da salsa e a manifestar-se a sua florescencia. D'esse tempo em diante o homem não desamparou a fonte. Na primeira noite em que se manifestou completa a florescencia da salsa, ao dar as doze horas, appareceu a moura, saindo das aguas da fonte ainda mais bella do que Venus evolando-se da espuma do mar. A joven agradeceu ao pobre o desencantamento e entregou-lhe os dois bahús cheios de ouro e de pedras preciosas, que do fundo da fonte a tinham acompanhado até sair da mesma.

O pobre homem transportou durante a noite todos os valores para o fundo de um occulto barranco, e d'ahi tirava o dinheiro necessario para pagar a compra dos grandes predios que todos os dias fazia com verdadeiro espanto de toda gente.

Casou em seguida e teve muitos filhos que se tornaram conhecidos na provincia do Algarve e até na côrte onde casaram com damas do paço, que lhes mderam uma descendencia numerosa.”

(pag, 283-285)

Nº7:

“(...)Em tempo dos arabes n'esta provincia, era dono d'aquella propriedade um rico mouro, que morava em em um predio acastellado quasi no centro. Tinha elle uma filha formosíssima, o encanto do pai, e o enlevo dos jovens ricos de toda a provincia.

Em muitas occasiões tentaram os mancebos mais ricos e poderosos conseguir do velho mouro a mão da filha, mas elle, teimoso e cioso, inventava todos os pretextos para se negar a quaisquer propostas d'esta natureza. Entre outros havia um mouro, jovem e rico de prendas, que não desistia do seu intento. Alem de ser bastante rico, era dotado de excellentes qualidades morais e artisticas: professava em extremo a poesia e era musico habilissimo. É sabido que n'este tempo Silves era uma das mais importantes sedes, onde se destiguíam nas suas escolas os primeiros poetas sarracenos. *Condé*, na sua *historia*, menciona muitos poetas e musicos que floresceram, n'aquelles tempos, entre os mouros. Não era raro ouvir-se, nas bellas noites da primavera, defronte das ventanas dos palacios acastellados, onde palpitam corações femininos, os sons maviosos do alaude ou da tiorba, acompanhados os bellos versos dos mais ricos namorados.

Não via o velho pai da gentil moura com bons olhos os excessos do pretendente á mão de sua filha, e quando a noite ouvia os cantares do mancebo em frente da ventana do quarto da filha, arrepellava-se e enchia-se de desespero. O mesmo não succedia á moura gentil, que, não duvidava ergue-se da cama, a deshoras, abrir mansamente a janella do seu quarto, e colocar-se ali horas esquecidas enquanto seu amado ali permanecia.

Muitas vezes o velho mouro tentou arrancar do coração da filha o amor que ali imperava, mas debalde: a jovem limitava-se a chorar, quando mais furibundas eram as reprehensões paternas.

Vendo elle que por força nada conseguia, encetou outro caminho, fingindo-se condoído. Ordenou que o mancebo fosse chamado á sua presença.

- O que me queres? perguntou o mancebo em presença do velho.
- Sei que amas minha filha...
- Por ella dou a minha vida...
- Livre-me Allah de contrariar as inclinações de duas almas, mas eu fiz um voto...

- Que voto?...

- Os meus campos são faltados de agua... só concederei a mão de minha filha a quem, em uma só noite, transportar para junto do meu castello a famosa nascente da Fonte do Canal, a levante...

- Fica muito longe?

- A treze leguas.

O mancebo curvou-se em frente do velho e saiu da sua presença, esfregou as mãos e disse consigo:

- D'este estou eu livre.

E na noite d'esse dia deitou-se descansado na certesa de que não seria despertado do seu somno.

Seria meia noite, acordou o velho a um movimento brusco e repentino do seu castello. Sentou-se na cama e poz-se a escutar. Momentos depois chegaram aos seus ouvidos as notas diferidas nas cordas de um alaúde e logo os seguintes versos:

Viva Allah; foi meu padre um bom mouro
Moura madre me deu de mamar
Moura fada fadou-me um thesouro
Moura virgem me tem de o entregar. (8)

Quando o velho ouviu estes versos e conheceu pelo timbre da voz que o impertinente mancebo não desistia de fazer versos a sua filha, ergueu-se da cama n'um salto e correu á janella do seu quarto. Em frente da janella do quarto de sua filha presenciou um verdadeiro abismo, de onde jorrava a agoa n'uma imponente catadupa, bastante para regar toda a ppriedade. Ao lado do abismo e na beira viu um mancebo com o alaúde. Era o namorado de sua filha com os olhos presos na janella do seu quarto.

Fulo de raiva, mas não ousando violar a palavra dada, correu ao quarto da filha, e diregiu-se para a ventana, onde lá a encontrou. Então pegou n'ella em pezo e atirou-a pela janella sobre o rapaz, que não podendo conservar o equilibrio caiu com o precioso fardo no fundo do abismo.

"Não morreram, affirma ainda hoje o povo em seus versos de uma famosa antiguidade, porque muitas pessoas os teem visto sair do abismo á meia noite. Saem sempre com os braços mutuamente cruzados e passeiam pela Quinta, cantando ao som do seu instrumento favorito. Estão ali encantados não porque o velho mouro os encantasse, mas por especial ordem do proprio Allah, que não consentiu que duas almas repletas de amor desaparecessem da face da terra, onde o egoísmo criou um trono.

- E o velho mouro?

- Esse está também encantado, responde o povo, mas no proprio castello. Só sai d'ali em noites de tormenta, cantando orgulhoso e soberbo:

Eu sou o rei D. Diniz
Serpa, Moura, Melvin fiz

Não fiz mais porque não quiz.
Quem dinheiro tiver
Fará o que quizer. (9)

E o povo continua a amar os dois namorados, odiando de morte o temeroso velho.”
(pag. 157-160)

Há muitas singularidades nesta lenda, a começar pela ênfase nas qualidades poéticas e musicais dos sarracenos (mourous que habitavam a Península Ibérica) e na sua influência e fama naquela região: “É sabido que n’este tempo Silves era uma das mais importantes sedes, onde se distinguiam nas suas escolas os primeiros poetas sarracenos.”. Outro ponto importante é que desta vez o encantamento partiu do próprio Allah em favor do apaixonado casal diante do egoísmo do velho mouro. Reafirmando que somente Allah teria o poder de tal intento. Salienta-se que essa é uma lenda que as pessoas desta região demonstram carinho, revelando que as propriedades e particularidades latentes dessa cultura ainda permanecem em suas mentes.

7 - Considerações finais

Ao tentarmos compreender como um povo originário do Oriente Médio e África, com cultura e religião distintas em comparação com a Europa, conseguiu não apenas conquistar grande parte da Península Ibérica, mas também povoá-la e governá-la por quase oito séculos, surgem questionamentos sobre a natureza dessa convivência entre povos com religiões, costumes e histórias tão diferentes em um mesmo espaço físico.

Conforme apresentado neste estudo, percebemos que muitas dessas dúvidas e afirmações sobre essa convivência podem ter origem na forma como essa história é contada ao longo dos anos e por quem a conta, dependendo das perspectivas adotadas. Observamos que discursos europeus, caracterizados pela imposição de verdades, assim como o discurso hollywoodiano/jornalístico, que torna o Oriente exótico, incomum e defeituoso, podem gerar incongruências e ambiguidades, como na relação entre invasão e conquista, e a categorização simplista de um povo como bom ou mau.

Ficou exposto que a historiografia preferiu perpetuar a narrativa do vencedor europeu como o único discurso válido. Ao fazê-lo, categorizou o povo mouro como infiel e mau. No entanto, ao analisarmos como é apresentado no capítulo 1, percebemos que, apesar da cultura moura favorecer naturalmente os muçulmanos, não houve uma guerra à conversão religiosa. Havia um respeito pelas outras religiões monoteístas e uma assimilação da cultura moura na região, impulsionada também pelos objetivos de aumento da arrecadação de impostos e expansão territorial.

Através dos relatos que Oliveira (1898) capturou e registrou em seu livro “Mouras encantadas e os encantamentos no Algarve”, podemos perceber que recebemos diversas lendas oriundas de diversas partes do Algarve - última região habitada pelos mouros. Expressões espontâneas provenientes dos próprios moradores da região.

Percebemos por meio deste estudo, que essas lendas começaram a surgir devido à brusca expulsão dos mouros. Como é relatado na maioria das lendas, depois da expulsão, muitas mouras, mouros ou mourinhos foram encantados por terem sido forçados a sair às pressas de suas residências e muitos deles permaneceram presos lá e, para não serem mortos, foram então encantados. Passando a serem vistos vagueando.

Essas lendas evidenciam as paixões entre cristãos e mouras. Assim como em outras lendas é relatado compaixão dos cristãos que tentavam ajudar as mouras em seus desencantamentos, recebendo recompensas sobre seus atos. É também mencionado com admiração os dons em música e arte e, também, o belo trabalho dos mouros, levando-nos a crer que houve uma produção e uma troca cultural bem grande entre eles.

Estas lendas, que permeiam a cultura Ibérica há tanto tempo, desenvolveram uma influência mútua entre as tradições cristãs e islâmicas, evidenciando um período de coexistência e troca cultural entre essas comunidades. O florescimento cultural e intelectual em Al-andalus, seu intercâmbio de conhecimento e convivência entre muçulmanos, judeus e cristãos desempenharam um papel fundamental em uma sociedade pluralista e tolerante. A presença das lendas das mouras encantadas ao longo dos séculos demonstra uma aceitação e, até mesmo, respeito mútuo entre os povos ibéricos e os mouros. Tornaram-se parte não só do folclore regional, como também, da identidade cultural da região.

Acredito que há muito a ser explorado nessas lendas, uma investigação sobre a relação entre esses seres encantados e os Jins, entidades sobrenaturais dotadas de poderes mágicos que podem ou não interferir na vida humana, bem como uma análise das características animais atribuídas às mouras, poderiam enriquecer ainda mais essa pesquisa

Referências

- AVILA, Arthur Lima de. **Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico.** Revista Brasileira de História., São Paulo, ano 2021, v. 41, n. 87, p. 161-184, 9 mar. 2021.
- DENABOUD, M'hammad. **Estudios sobre la historia de Al-áandalus y sus fuentes:** Ensaio. 1. ed. Manzana, Madri: Editorial Verbum, 2015.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PRINS, Gwyn; BURKE, Peter (org). **A Escrita da História: Novas Perspectivas.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.
- MARQUES, José Joaquim Dias. **Os mouros e mouras encantados: sua patrimonialização em Portugal e na Galiza e teorias sobre a origem do seu nome. Galiza e(m)nós: Estudos para a compreensão do relacionamento cultural galego-português,** Lisboa, p. 229-269, 2021.
- MENOCAL, Maria Rosa. **Um grande vizir, uma grande cidade: Córdoba, 949.** In: MENOCAL, Maria Rosa. O ornamento do Mundo". Rio de Janeiro: Editora Record, 2004. p. 92.
- OLIVEIRA, Francisco Xavier d'Athaide. **As mouras encantadas e os encantamentos no Algarve.** 1. ed. Tavira: Tavira Typographia Burocratica, 1898.
- PIRENNE, Henri. **Maomé e Carlos Magno: O impacto do Islã sobre a civilização europeia.** 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2010
- SAID, Edward W. **Orientalismo: O oriente como invenção do ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SOBH, Mahmud. **Época Omeya (40/661 - 132/750): 1. Marco geopolítico.** In: SOBH, Mahmud. Historia de la literatura árabe clásica. [S. l.]: Grupo Anaya, 2002. cap. III, p. 303.
- VERNET, Juan .**La conquista y el emirato dependiente.** In: VERNET, Juan. Introducción a la historia del mundo islâmico. [S. l.]: Editora Alianza, 1998. p. 9-11.
- XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da língua portuguesa.** 2. ed. rev. e aum. São Paulo: Ediouro, 2000

